

Estabilização requer cautela

ANTONINHO MARMO TREVISAN

JORNAL DA TARDE

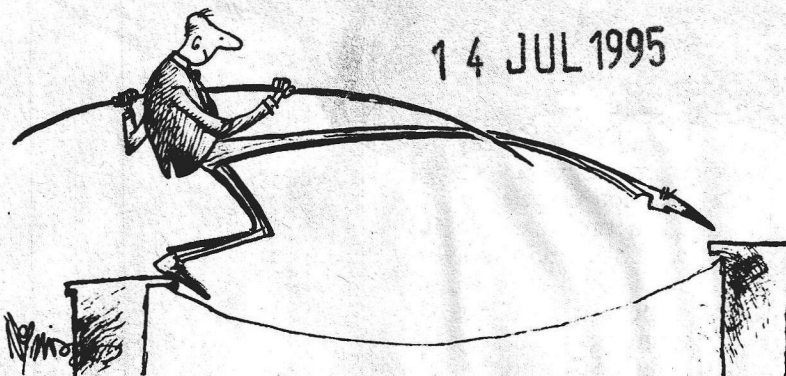
Não tenham dúvidas. A economia brasileira passa talvez por sua mais profunda transformação. E para melhor! Em pouco menos de 12 meses, a inflação se estabilizou entre 20% e 30% ao ano. No sistema de remuneração, temos a desindexação do salário com a participação nos lucros. Em matéria constitucional, caem os monopólios e a lei de concessões abre caminho para as parcerias entre o setor público e o privado. Enquanto isso, inaugura-se a privatização do setor elétrico com a transferência da Escelsa ao consórcio Iven.

Mas é no campo da globalização dos investimentos que se verificam as maiores mudanças. Tudo indica que estaremos recuperando a posição perdida para o Sudeste Asiático a partir dos anos 80.

É que, em meados de 1970, a América Latina recebia US\$ 3 bilhões de investimentos de capital produtivo das multinacionais. Os Tigres Asiáticos ficavam com apenas US\$ 1 bilhão. Fechamos o ano de 1993 com o Sudeste Asiático ficando com US\$ 21 bilhões e a América Latina com US\$ 16 bilhões. E o Brasil perdia para o México e para o Chile na alocação desses recursos.

O fato é que 37 mil multinacionais respondem por 1/3 de todo o capital internacional e precisam escolher todos os anos onde colocar US\$ 80 bilhões.

São capitais disputadíssimos que geram verdadeiras



NOSSA ECONOMIA, QUE VIVEU
DÉCADAS DE INFLAÇÃO CRÔNICA,
REQUER CUIDADOS DIÁRIOS COMO UM
PACIENTE EM PERÍODO PÓS-OPERATÓRIO

batalhas não só entre nações, mas inclusive internamente nos países. É o caso da recente decisão da Volkswagen de instalar sua fábrica de caminhões e ônibus no Estado do Rio de Janeiro, retomando a expansão de novas unidades na indústria automobilística, o que não ocorria desde 1975. Investimento significa emprego e emprego gera renda, que move a economia, desenvolve regiões e torna os povos mais ricos.

Felizmente, o nosso país caminha na direção das chamadas reformas estruturais que estarão viabilizando a continuidade do Plano Real. Porém, mais do que isso, estamos atraindo novos capitais internacionais, num reconhecimento claro de que a economia brasileira avança num processo intenso de moderni-

zação, o que garantirá bons lucros àqueles que apostarem nesse movimento.

Até o final dos anos 80, com a falta de concorrência e o protecionismo exagerado nas fronteiras do mercado, as empresas trabalhavam com uma fórmula muito cômoda: custo + lucro = preço. O primeiro passo era definir a margem de lucro que se pretendia obter; estimava-se o custo da operação e a soma dos dois fatores determinava o preço. O consumidor não tinha a menor chance.

Nesta década, com a abertura de mercado e o aumento da concorrência, as regras mudaram. O preço passou a ser definido pelo mercado e para aumentar o lucro as empresas tiveram que administrar seus custos com mais rigor e muita técnica. A fórmu-

la passou a ser: preço - custo = lucro. Quem se envolveu com as necessidades do mercado e conseguiu produzir mais, com maior qualidade e a um custo menor, ganhou mais dinheiro.

Foram mudanças importantes, que colocaram as empresas brasileiras em linha com a globalização e prepararam o setor privado para o Plano Real. No entanto, é preciso ser cauteloso diante das medidas de impacto conjuntural. Afinal, uma economia complexa como a nossa, que viveu décadas de inflação crônica, requer cuidados diários como um paciente em período pós-operatório. É preciso estar preparado para enfrentar as elevações de temperatura, as súbitas alterações no receituário e os efeitos colaterais inesperados. É o nosso caso. Juros altos mantêm o consumidor cauteloso, mas arrebatam aquele que está endividado.

Portanto, fuja dos bancos e não tome empréstimo com essas taxas exorbitantes. Venda o que puder. Sacrifique margens, porque é preciso estar vivo para fazer parceria, expandir negócios, agregar tecnologia e participar deste estupendo salto que o Brasil está dando.

O AUTOR

Antoninho Marmo
Trevisan é
presidente da
Trevisan Auditores e
Consultores

